

Sarney critica apatia dos países ricos

Presidente reclama na ONU da lentidão com que tem sido tratada a dívida externa

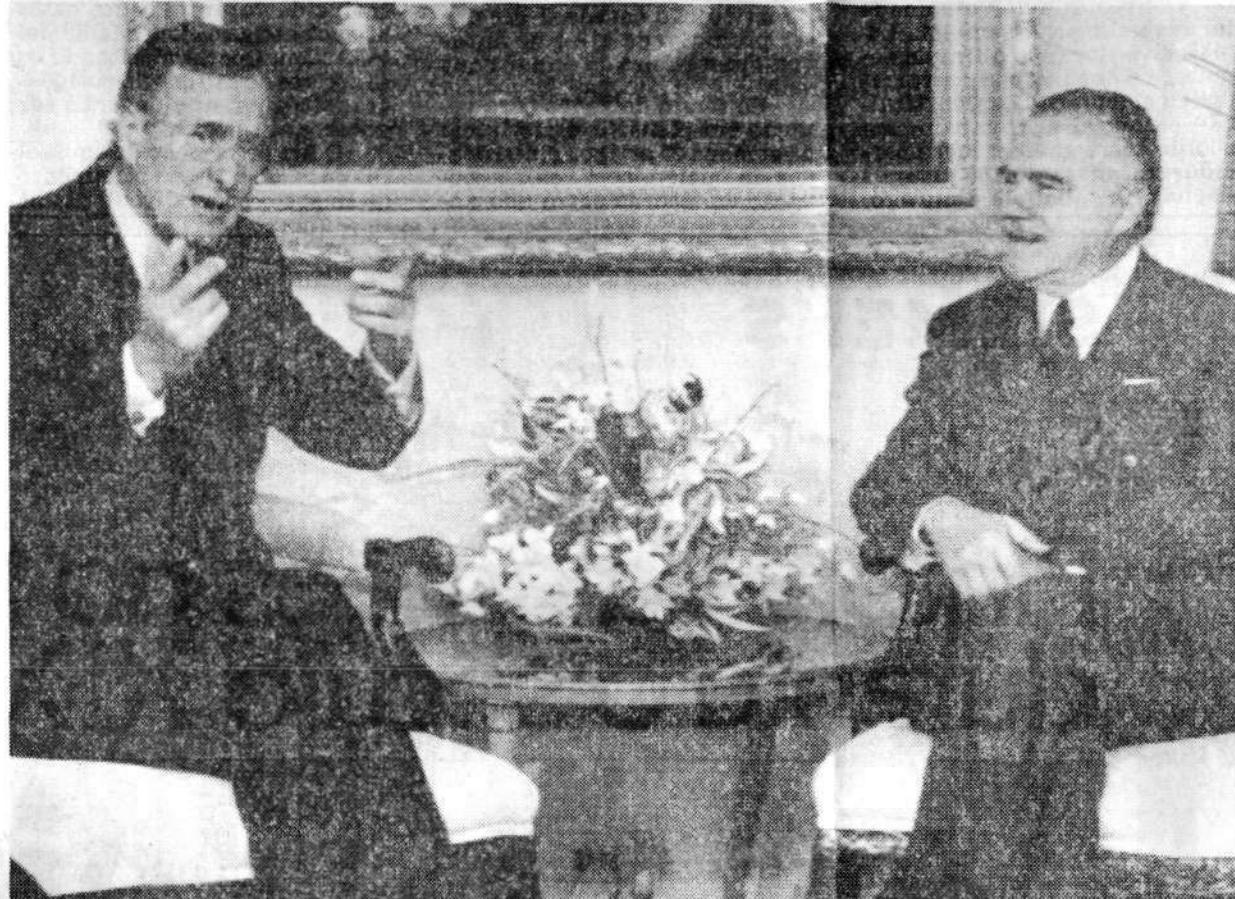
NOVA YORK — O presidente José Sarney manifestou ontem, na Organização das Nações Unidas (ONU), "grande preocupação" diante da "lentidão e apatia" com que o problema da dívida externa do Terceiro Mundo vem sendo tratado e, sua solução, adiada. "Já é tempo de reconhecer que, até agora, o remédio para o problema da dívida externa tem melhorado, sobretudo, a saúde financeira dos credores", enfatizou Sarney. "Para os devedores têm sido uma receita de estagnação e empobrecimento".

"É chegada a hora de adotar uma estratégia que parta do pressuposto da retomada do crescimento dos países devedores", acrescentou o presidente, no discurso de abertura da 44ª sessão da Assembléia Geral da ONU. "Tal estratégia exigirá forte redução do estoque da dívida e da transferência bruta e líquida de recursos para o Exterior, única forma de reter a poupança necessária para financiar o desenvolvimento."

A mesma crítica foi repetida ao presidente George Bush, dos Estados Unidos, em encontro de 35 minutos no Hotel Waldorf Astoria, segundo revelou o próprio Sarney, à saída, ressaltando ter falado "com toda a clareza, com toda a franqueza". O governo americano não deu sua versão para a conversa, revela o correspondente do Estado Moisés Rabinovici.

Bush, contou o embaixador Marcilio Marques Moreira, disse estar muito bem informado sobre a dívida externa brasileira. E explicou: o secretário do Tesouro, Nicholas Brady, autor do plano de redução da dívida, contou-lhe como fora o encontro que tivera com o ministro Mailson da Nóbrega, de manhã, em Washington, à margem da reunião anual do FMI/Banco Mundial.

O presidente americano — acompanhado do secretário de Estado, James Baker, do chefe da Casa Civil, John Sununu, do chefe do Conselho de Segurança, Brent Scowcroft, e do subsecretário para a América Latina, Bernard Aronson — foi quem iniciou a conversa com Sarney, que estava com o chanceler



AFP

Sarney, com Bush: 'Remédio para a dívida tem melhorado a saúde financeira dos credores'

Abreu Sodré e com os embaixadores Marcilio Marques Moreira e Paulo Nogueira Batista.

Bush falou sobre liberdade e democracia no mundo, meio ambiente, problema das drogas e sobre o presidente colombiano Virgilio Barco, de quem elogiou "a coragem". Sarney, por sua vez, garantiu-lhe que o Brasil não está permitindo que traficantes da Colômbia cruzem a fronteira para refinar cocaína na Amazônia brasileira, e pediu mais apoio do governo americano para um acordo, de seis meses a um ano, com o Fundo Monetário Internacional (FMI).

O próprio presidente Sarney contou ter explicado a Bush sua preocupação em "encaminhar uma solução nesse período de transição, de modo que o Brasil tenha sua situação absolutamente normal de respeito a seus compromissos internacionais". E acrescentou: "Basta dizer que nesse setor nós cumprimos todos os nossos compromissos. Quem não cumpriu, evidentemente, e isso está muito

claro, foram os bancos, que, a partir daquele acordo passado, não entraram com a parte com que tinham de entrar, bem como com os desembolsos que iam ser feitos pelos bancos de desenvolvimento mundiais".

O presidente Bush ainda perguntou o que o Brasil poderia fazer para não inundar o mercado mundial de café, provocando a maior baixa de preços do produto nos últimos anos. A intenção do governo Bush é estimular o plantio de café na Colômbia e acabar com o da coca. Sarney respondeu que o Brasil já está fazendo o que pode para não colocar mais desse produto no mercado, e aceitou o princípio de uma nova negociação do acordo do café. A reunião só terminou quando o cerimonial americano começou a demonstrar uma certa inquietação com o horário. Sarney ainda pôde dizer que seu governo está vivendo "um regime de grande austerdade para deixar uma situação normalizada" ao sucessor.

"COINCIDÊNCIAS"
O presidente brasileiro

acompanhou o discurso de seu colega americano pela televisão, em sua suíte do Hotel Intercontinental. E ficou muito feliz por ter sido o primeiro orador da 44ª Assembléia-Geral da ONU: "Se discursasse depois do presidente Bush, diriam: foi plágio", observou um de seus assessores.

Para provar o que dizia, o assessor listou as coincidências entre os dois pronunciamentos: "Os dois falaram de um papel novo que a ONU deve desempenhar. Também citaram nominalmente o presidente Virgilio Barco, da Colômbia, falaram de droga e estabeleceram uma relação entre democracia e desenvolvimento".

Sarney assistiu ao discurso de Bush acompanhado do general Bayma Dennys, do chanceler Abreu Sodré e do embaixador Marcilio Marques Moreira. A opinião sobre as coincidências foi unânime.

"ÀS AVESSAS"

Quanto ao discurso de José Sarney na ONU, o melhor mo-

mento, perceptível no plenário, ocorreu quando, falando da transferência de US\$ 56 bilhões que o Brasil fez nos últimos cinco anos para o Exterior, destinada a pagar juros da dívida, o presidente concluiu: "É um Plano Marshall às avessas".

Não houve um aplauso imediato, mas um rumor. O Plano Marshall, que reconstruiu a Europa após a II Guerra Mundial, foi lembrado em 1988 como um exemplo de solução para a questão da dívida externa.

A parte referente à dívida, no discurso, foi o principal motivo que levou cerca de 200 delegados nas Nações Unidas a formar fila para cumprimentar o presidente brasileiro. Augusto Marzagão, secretário particular de Sarney, assegurou ter visto o chanceler soviético, Eduard Shevardnadze, assentir com a cabeça.

O presidente José Sarney já tinha antecipado, na noite anterior, ao voltar de um passeio pelos arredores de Nova York, o tom de seu discurso no tocante à dívida. "Já é tempo de reconhecer que, até agora, o remédio para o problema da dívida externa tem melhorado sobre tudo a saúde financeira dos credores. Para os devedores tem sido uma receita de estagnação e empobrecimento", declarou ele na ONU.

Outro momento alto do pronunciamento foi a acusação de que "cabe aos países industrializados a maior parcela na poluição ambiental". Logo depois, acrescentou: "Se o mundo hoje pode voltar suas vistas para a Amazônia é porque os brasileiros souberam conservá-la até agora e o farão para o futuro. Estamos dispostos, como sempre estivemos, à cooperação. Contudo: nunca a imposições que atinjam nossa soberania".

SEGURANÇA

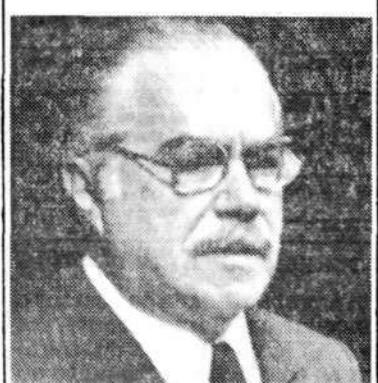
Os jornalistas acostumados a cobrir visitas presidenciais a Nova York nunca viram a cidade tão policiada como ontem — e, por consequência, o trânsito tão caótico. As ruas 42 e 47, entre a Primeira e Segunda Avenidas, foram fechadas pela polícia. Só chegava ao prédio da ONU quem apresentasse credenciais no primeiro cordão de isolamento. O dispositivo de segurança levou em conta ameaças de represálias do Cartel de Medellin à campanha antidrogas desencadeada pelos Estados Unidos.

Médico examinará nuca do presidente

RÉGIS NESTROWSKI

NOVA YORK — Um médico do Memorial Hospital irá ver o presidente Sarney na sua suite presidencial hoje à tarde. Assessores da Presidência da República dizem que não é nada grave. Sarney irá extrair uma verruga da nuca quando retornar ao Brasil e, segundo assessores do Palácio do Planalto, quer sair de Nova York com o parecer de médicos especializados de que não tem nada. Este deverá ser o principal compromisso do presidente no quarto dia de sua visita a Nova York. Estão marcados encontros com os presidentes da Iugoslávia, Bolívia, Venezuela e com a primeira-ministra da Noruega. À noite, o presidente jantará na residência do embaixador Paulo Nogueira Batista.

Ontem à noite, o presidente Sarney participou de um jantar oferecido pelo presidente americano George Bush, onde estavam presentes chefes de Estado, que vieram para a abertura da sessão da assembleia-geral da ONU. Antes, porém, o presidente se encontrou com o general Andrés Rodriguez, presidente do Paraguai. "Foi uma conversa rápida e aconteceu mais porque Sarney está no 14º andar e o presidente do Paraguai no 12º andar do Hotel Intercontinental", explicou Rui Nogueira, porta-voz do Itamaraty.



Sarney: parecer médico